

# RECONFIGURAÇÃO DO TABULEIRO E REALINHAMENTOS ESTRATÉGICOS

## BOARD RECONFIGURATION AND STRATEGIC REALIGNMENTS

CEL R1 ENIO MOREIRA AZZI E  
CEL R1 SYLVIO PESSOA DA SILVA

### RESUMO

Desde a formulação dos arranjos *westphalianos*, a ordem internacional é fundamentada em um sistema de estados soberanos, considerando como seus elementos constitutivos: territorialidade delimitada e reconhecida, população permanente, governo aceito e poder soberano. O sistema atual tem raízes profundas na ordem mundial estabelecida após as Guerras Mundiais e foi remodelado com o fim da Guerra Fria. A (re)emergência de outros atores globais desafia a governança do poder hegemônico atual, que, após um período de certa estabilidade, tem suas bases afetadas pela intervenção militar russa em uma das ex-repúblicas soviéticas. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar os efeitos da Guerra na Ucrânia na reconfiguração do tabuleiro internacional e o realinhamento estratégico decorrente do reposicionamento dos Estados face ao conflito.

### PALAVRAS-CHAVE

Ordem Mundial; Hegemonia; Geopolítica; Guerra.

### ABSTRACT

Since the formulation of the Westphalian arrangements, the international order is founded on a system of sovereign states, considering as its constitutive elements: delimited and recognized territoriality, permanent population, accepted government, and sovereign power. The current system has deep roots in the world order established after the World Wars and was reshaped with the end of the Cold War. The (re)emergence of other global actors challenges the governance of the current hegemonic power, which, after a period of some stability, has its foundations affected by the Russian military intervention in one of its former republics. Thus, the objective of this paper is to analyze the effects of the war in Ukraine in the reconfiguration of the international chessboard and the strategic realignment resulting from the repositioning of states in the face of the conflict.

### KEYWORDS

World Order; Hegemony; Geopolitics; War.

### OS AUTORES

Oficial de Infantaria da Reserva Remunerada do Exército Brasileiro; Bacharel em Ciências Militares (AMAN, 1983); Doutor em Ciências Militares (ECEME, 1998), Graduado em História pela UFMG (2021). Pós-graduado em Gerência Executiva de Logística e Transporte (Universidade de MIAMI-EUA, 2006).



Oficial do Serviço de Intendência da Reserva Remunerada do Exército Brasileiro (AMAN, 1990); Mestre em Operações Militares (EsAO, 1998) e Mestre em Ciência Militares (ECEME, 2006). Especialista em Logística Empresarial – MBA, pela FGV (2010).



## 1. Reconfiguração do tabuleiro internacional

No dia 24 de fevereiro de 2022, após concentrar estrategicamente tropas na fronteira, a Rússia invadiu, de forma massiva, a Ucrânia, colocando em xeque todo o ordenamento internacional e configurando um conflito armado convencional entre Estados soberanos que, de forma alarmante, trouxe a guerra de volta para o “coração” da Europa. Foi o desdobramento de um processo em agravamento desde 2008, quando a Rússia passou a considerar o uso da força para alcançar seus objetivos político-estratégicos. Portanto, a Guerra na Ucrânia é um catalisador de um provável reordenamento do sistema global, que já vinha sendo questionado por potências revisionistas (re)emergentes.

Sob a perspectiva realista pós-bipolaridade, as “ordens mundiais”<sup>1</sup> são fronteiras, compartimentalizações políticas das épocas da interação entre os Estados e outros atores internacionais. As “ordens mundiais” condicionam o comportamento e o processo decisório dos Estados no *status quo* definido, geralmente por meio de guerras, de truculências e arbitrariedades, e acordado pelos demais componentes estatais integrantes (CASTRO, 2016).

<sup>1</sup> A ordem mundial é um concerto geopolítico flexível. Varia com o tempo e com a geografia. Surge e atinge de forma diferente Estados e regiões. Gera apoio e contestações. Lança luz sobre nova(s) potência(s) e pode reemergir outra(s). Portanto, não é um estado político monolítico, rígido.

O século XX é o ponto de partida para se descrever o processo de construção das relações internacionais contemporâneas, com reflexos na crise da Ucrânia. Ao final da Segunda Grande Guerra (II GM), os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) se tornaram hegemônicos, conformando, a partir da redistribuição do poder geopolítico, uma bipolaridade mundial. A ordem internacional que se estabeleceu em torno dessas duas superpotências tornou-se produto do exercício da hegemonia dos países vencedores da II GM, que, exercendo a governança mundial, impuseram e fizeram prevalecer seus pontos de vista, ideologias e interesses. No entanto, embora as estruturas de segurança coletiva criadas à época tivessem o cunho idealista e o sentido cooperativo, a dinâmica geopolítica formada entre EUA e URSS foi de disputa e, muitas vezes, tornou-se conflitiva, conforme previa George Kennan em seu *Long Telegram*<sup>2</sup>, em 1946.

Após mais de quatro décadas de Guerra Fria (1945-1991), a queda do Muro de Berlim, em 1989, a dissolução da União Soviética em 15 repúblicas independentes, em 1991<sup>3</sup>, e o conseqüente fim do período bipolar provocaram uma grande transformação na

<sup>2</sup> KENNAN, George F. *The long telegram*. Answer to Dept's 284, Feb. 3, Moscow, Feb. 22. 1946. Disponível em: <<https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/116178.pdf>>. Acesso em 8 mar. 2022.

<sup>3</sup> A dissolução da União Soviética ocorreu em 26 de dezembro de 1991, como resultado da Declaração nº. 142-H do Soviete Supremo da União Soviética. A Declaração reconheceu a independência das antigas repúblicas soviéticas e criou a Comunidade de Estados Independentes (CEI).

política internacional, dando início à recomposição do ordenamento global. Os debates interpretativos sobre aquela transição, identificada com o triunfo da democracia liberal e do crescente processo de globalização, bem como indicadora da unipolaridade do cenário mundial, foram dominados pelas teorias do “fim de história” de Fukuyama<sup>4</sup> e do “choque de civilizações” de Huntington<sup>5</sup>. Assim, apesar da mudança, resquícios da ordem bipolar permaneceram enraizados nas relações internacionais.

Em pouco tempo, essa euforia deu lugar ao pessimismo neorrealista, devido à emergência de novas fraturas no tabuleiro mundial, provocadas, principalmente, pelo ressurgimento do nacionalismo entre grupos étnicos, até então incorporados em Estados multiétnicos, gerando diversos conflitos domésticos e regionais. Em algumas ex-repúblicas soviéticas, esses conflitos geraram disputas territoriais e aspirações de autodeterminação. Ainda, por questões históricas e étnicas, a Rússia passou a expressar o desejo de recuperar sua esfera de influência e seu espaço de proteção. Assim sendo, alguns desses países permaneceram alinhados política e economicamente à

Rússia, enquanto outros se voltaram para o Ocidente.

Durante esse período de transição de poder, o presidente Gorbachev concordou, em 1990, que a Alemanha reunificada fizesse parte da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), sob a promessa do Secretário de Estado norte-americano James Baker de que a Aliança não se expandiria “uma polegada para o Leste”<sup>6</sup>. O não cumprimento desse acordo tácito e a aproximação das tropas da OTAN das fronteiras russas geraram protestos e ressentimentos em Moscou e tornaram-se uma das principais justificativas da invasão russa na Ucrânia.

Entre 1991 e 2020, países que compunham a ex-URSS, ou que estavam sob sua influência, foram admitidos na União Europeia (UE) e/ou ingressaram na OTAN, cuja gênese era formar uma aliança defensiva contra a ameaça soviética. Ademais, a Aliança Atlântica, em especial os EUA, instalou tropas e armamentos estratégicos na Polônia e nos países bálticos, ou seja, junto à fronteira russa. Além desses países, acrescentam-se a Geórgia, a Ucrânia e a Moldávia, que gostariam de se associar a ambas as organizações, mas não foram aceitas por não atenderem aos parâmetros da adesão ou por se situarem na área de influência da Rússia.

<sup>4</sup> FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

<sup>5</sup> HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998. Desde 1996, Huntington já previa um futuro conflituoso entre Rússia e Ucrânia, por questões culturais, históricas e geográficas. Segundo sua teoria, o território ucraniano encontra-se em uma *fault line* (linha de falha) que separa a civilização ocidental da ortodoxa.

<sup>6</sup> SHIFRINSON, Joshua. Op-Ed: Russia’s got a point: the U.S. broke a NATO promise. Los Angeles Times, 2016. Disponível em: <<https://www.latimes.com/opinion/op-ed/la-oe-shifrinson-russia-us-nato-deal--20160530-snap-story.html>>. Acesso em: 07 mar. 2022.

A partir de 2008, a Rússia, reagindo à política de portas abertas da OTAN, passou a recorrer ao uso da força para resguardar a sua hegemonia no espaço pós-soviético, fazendo uma intervenção na Geórgia e anexando a Crimeia, em 2014.

Enquanto isso, em função do 11 de Setembro, os EUA e a Europa voltaram-se inteiramente para a guerra contra o terrorismo, com operações militares – de legitimidade questionável – no Iraque (2003-2010), no Afeganistão (2001-2021), entre outras.

Por outro lado, nas primeiras décadas do século XXI, a China emergiu como potência, com capacidade de afetar o tabuleiro internacional. Dessa forma, em 2016, a China tornou-se a 2ª maior potência econômica do mundo, apesar de não fazer parte do G-7. Sua projeção global, calcada nas relações econômicas, comerciais e financeiras, é a contraparte de uma projeção militar centrada na sua esfera de influência imediata de poder. No concerto asiático, a China tem pretensões geopolíticas que ferem os interesses de seus vizinhos e da potência *hegemon*, tais como a reunificação com Taiwan, a reivindicação de quase todo o mar da China e os litígios fronteiriços com a Índia. Apesar disso, a China defende a importância ao respeito mútuo pela soberania e adota uma política de não interferência em assuntos domésticos e de não confrontação. Assim, a inserção internacional da China e o remodelamento de

seu ambiente estratégico movimentaram a balança de poder asiática (TEIXEIRA JUNIOR, 2017).

A reemergência da Rússia como *player* global e a ascensão tecnológica, econômica e militar da China confrontaram a atual ordem mundial, centrada no Atlântico Norte. Nesse contexto, destacam-se as ideias apresentadas por John Mearsheimer, cuja visão de realismo se fundamenta, estruturalmente, por meio de incentivos da política hegemônica que leva, inexoravelmente, à “*tragédia*”<sup>7</sup>, pois boa parte dos grandes *players* não está contente com a atual distribuição de poder mundial. Dessa forma, as potências emergentes tendem a reinterpretar e condicionar seu apoio estratégico às mudanças gerais e estruturais no panorama dos organismos internacionais, nas quotas de participação e votação, assim como nas redes institucionalizadas. O autor classifica esses países como “*revisionistas*”, ou seja, países que desejam alterar a lógica de poder do *status quo* da política internacional. Nesse sentido, identificam-se, no cenário atual, movimentos de contestação por parte de atores emergentes, os quais buscam reinterpretar questões como a definição de direitos humanos e de democracia, desafiando as estruturas internacionais fundadas no pós-guerra. O grande problema apontado por Mearsheimer está no risco do encontro das macrotendências do tabuleiro de xadrez

<sup>7</sup> Metáfora utilizada por John Mearsheimer para fazer referência à guerra.



mundial levar a guerras pela disputa por mais quociente de poder (CASTRO, 2016).

Retomando a Guerra na Ucrânia, além de tentar conter o avanço da OTAN para Leste, o Presidente Putin alegou que sua “*operação militar especial*” destinava-se a defender as minorias russas separatistas, habitantes das províncias ucranianas de Donetsk e Lugansk, em guerra contra o governo de Kiev desde 2014<sup>8</sup>. Antecedendo a invasão, a Rússia reconheceu a independência das duas regiões, o que reabriu a discussão, no âmbito do direito internacional, sobre a questão da **autodeterminação dos povos versus a integridade territorial dos Estados**, princípios fundamentais das relações internacionais contemporâneas. Sobre esse tema, os professores Aziz Saliba e Lucas Lima, da UFMG, afirmam que o direito à autodeterminação não se traduz em um direito à secessão<sup>9</sup>.

No mesmo sentido, o Presidente Putin, considerando a expansão da OTAN uma ameaça à Rússia, recorreu ao direito de legítima defesa, previsto no Art. 51 da Carta da Organização das Nações Unidas (ONU), para justificar a iniciativa unilateral de intervenção na Ucrânia, dando margem a

<sup>8</sup> “Full text of Vladimir Putin’s speech announcing ‘special military operation’ in Ukraine”. Disponível em <https://theprint.in/world/full-text-of-vladimir-putins-speech-announcing-special-military-operation-in-ukraine/845714/>. Acesso em: 9 mar. 2022.

<sup>9</sup> SALIBA, Aziz T.; LIMA, Lucas C. O que o direito internacional tem a dizer sobre a invasão da Ucrânia pela Rússia. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/artigo-que-direito-internacional-tem-dizer-sobre-invasao-da-ucrania-pela-russia-25414188>>. Acesso em 9 mar. 2022.

debates jurídicos diversos. No entanto, embora sem efeitos práticos, decorrente das limitações do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), há que se destacar a sessão especial da Assembleia Geral das Nações Unidas, na qual 141 Estados-membros aprovaram uma Resolução<sup>10</sup>, repudiando a ofensiva militar russa na Ucrânia. Apenas cinco países foram contra a Resolução, o que demonstra o posicionamento de uma expressiva maioria em defesa do não uso da força contra a integridade territorial e contra a soberania estatal. Trinta e cinco países se abstiveram de votar, com destaque para China, Índia e África do Sul, que buscaram preservar suas relações tanto com o Ocidente quanto com a Rússia.

Ao que parece, a lógica que move o Presidente da Rússia, Vladimir Putin, ainda é a realista, vigente na Guerra Fria, de disputa do poder e da preservação da segurança territorial, historicamente ameaçada. Isso justificaria o uso da força em países que, à época, à semelhança da atual Ucrânia, tentaram se libertar do domínio soviético e ultrapassaram os limites (*red line*) toleráveis por Moscou, a saber: Hungria, em 1956; Tchecoslováquia, em 1968; e Polônia, nas décadas de 1970 e 1980.

Embora ainda não seja possível prever o desfecho do conflito, tampouco estimar com

<sup>10</sup> ONU. Resolução da Assembleia Geral de 1/3/2022.

Disponível em: <[https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/A\\_ES-11\\_L.1\\_E.pdf](https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/A_ES-11_L.1_E.pdf)>. Acesso em: 9 mar. 2022.

precisão as suas consequências, pode-se considerar que a Guerra na Ucrânia representa um novo corte da história, com efeitos imediatos e futuros no tabuleiro mundial. A guerra desestabilizou o sistema internacional e provocou grande incerteza. Após um suposto período de estabilidade e de cooperação, marcado pela crescente interdependência, conectividade e globalização, a guerra trouxe o mundo de volta ao ambiente mais anárquico, hobbesiano, no qual prevalecem as visões realistas nas relações interestatais.

O rompimento do princípio contido na Carta das Nações Unidas<sup>11</sup> “*de que deve ser evitado o uso da força contra a integridade territorial*” traz de volta o *dilema da segurança*<sup>12</sup>, fazendo com que os Estados reforcem a sua própria segurança por meio de uma maior capacidade de defesa. A implicação imediata disso é um grande movimento armamentista, manifestado por alguns países logo após o início do conflito, o que deve provocar o rebalanceamento global de armas. Em um mundo que se estabeleceu em redes para se comunicar, comercializar e agir coletivamente, assim como o *cisne*

*negro*<sup>13</sup> da pandemia, a guerra poderá gerar um anacronismo, o renascimento da “cidade murada” na época em que a prosperidade depende do comércio global e da movimentação de pessoas (FERGUSON, 2021).

## 2. Realinhamentos estratégicos

Esse forte retorno da *Realpolitik*, da geopolítica e do uso da força como instrumento de poder, gera desconfianças, preocupações e novas expectativas nos atores globais. Isso leva a uma remodelagem das posturas e dos próprios fundamentos da ação política, o que implica em realinhamentos estratégicos e na reconfiguração dos arranjos da ordem mundial.

A máxima de que “*as guerras mobilizam*” se faz presente em uma das consequências mais importantes da geopolítica do conflito na Ucrânia, a resiliência da OTAN. Em 2019, em entrevista à revista *The Economist*, o presidente da França, Emmanuel Macron, declarou: “*O que estamos vivendo atualmente é a morte cerebral da OTAN*”.<sup>14</sup> A guerra reverteu esse processo e revelou surpreendente coesão e convergência, tanto da OTAN como da UE, que reagiram rapidamente à invasão,

<sup>11</sup> Carta das Nações Unidas, 1945. Disponível em: <<https://unric.org/pt/wp-content/uploads/sites/9/2009/10/Carta-das-Na%C3%A7%C3%B5es-Unidas.pdf>>. Acesso em 09 mar. 2022.

<sup>12</sup> Dilema de segurança, termo cunhado por John H. Herz: situação de contradição causal entre o exercício da soberania estatal que pode ser fonte de segurança para os cidadãos e, ao mesmo tempo, pode oferecer pontuais riscos e ameaças internas e externas a outros Estados.

<sup>13</sup> “Cisne negro”: qualquer evento que nos pareça, com base em nossa experiência limitada, impossível; um evento extremamente surpreendente (TALEB, Nassim. *The Black Swan: the impact of the highly improbable*. Londres: Penguin/Allen Lane, 2007).

<sup>14</sup> The Economist. Emmanuel Macron warns Europe: NATO is becoming brain-dead. 2019. Disponível em: <<https://www.economist.com/europe/2019/11/07/emmanuel-macron-warns-europe-nato-is-becoming-brain-dead>>. Acesso em 10 mar. 2022.

aplicando sanções econômicas inéditas à Rússia, acolhendo enorme massa de refugiados e reforçando as estruturas militares da Aliança na parte leste de seu território. Por outro lado, a situação atual aumentou a disposição de países europeus ingressarem na OTAN e/ou na EU, como forma de se resguardar da ameaça russa. No entanto, é possível que a admissão de novos membros nas duas organizações passe a ser mais lenta, limitada e difícil.

Do outro lado do Atlântico, o presidente dos EUA vem tentando recompor a aliança norte-atlântica e responder a essa crise, com vistas a manter o *status quo* e a fortalecer-se, internamente, em face de um país dividido e devido aos graves problemas socioeconômicos atuais. O Presidente Biden adotou a mudança de rumo da política externa dos EUA, formalizada por seu antecessor na *National Security Strategy/2018*, priorizando a competição com a China e a Rússia. Assim, a Casa Branca estava empenhada na contenção da expansão e (re)emergência sino-russa, de acordo com a *U.S. Indo-Pacific Strategy*<sup>15</sup>, lançada em fevereiro de 2022, além de incrementar a política de *offshore balancing*<sup>16</sup>, reforçando suas alianças estratégicas naquela região (ASEAN, QUAD

e AUKUS<sup>17</sup>). Porém, a guerra na Ucrânia impôs aos EUA retornarem seus olhares para a Europa e aumentarem os esforços para frear as pretensões do Presidente Putin.

Outro aspecto fundamental deste conflito é que a reação imediata dos EUA e da OTAN foi condicionada ao retorno da ameaça nuclear. Nesse sentido, a dissuasão nuclear tem atuado como moderadora e limitadora das respostas à invasão. O uso da força pela OTAN foi até agora evitado para não escalar o conflito, o que poderia levar à catástrofe nuclear global. Assim, a opção do Ocidente em degradar a economia russa, restringindo suas atividades financeiras, científico-tecnológicas e culturais, reflete a persistência e a relevância da capacidade nuclear nas relações de poder global.

O isolamento do Presidente Putin, provocado pelo Ocidente devido à guerra, conduz a Rússia um direcionamento à China, que pode se beneficiar da situação, colocando Moscou mais próximo de Beijing. A posição da China tem sido de difícil decodificação. Antes da invasão e durante a abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno, os Presidentes Putin e Xi Jinping divulgaram uma declaração

<sup>15</sup> *U. S. Indo-Pacific Strategy*. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2022/02/U.S.-Indo-Pacific-Strategy.pdf>>. Acesso em 09 mar. 2022.

<sup>16</sup> Conceito de *offshore balance*. Disponível em <https://www.britannica.com/topic/offshore-balancing>. Acesso em 15 mar. 2022.

<sup>17</sup> Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN): bloco integrado por Brunei, Camboja, Cingapura, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Tailândia e Vietnã. Diálogo de Segurança Quadrilateral (QUAD): fórum estratégico entre EUA, Japão, Austrália e Índia. AUKUS (acrônimo do inglês: *Australia, United Kingdom, United States*): aliança militar formada pela Austrália, Reino Unido e EUA.

conjunta, anunciando uma parceria estratégica “sem limites”<sup>18</sup>.

Como destacado, nas deliberações do CSNU e da Assembleia Geral da ONU, a China se absteve de votar contra a Rússia e condenou as sanções econômicas impostas a Moscou; porém, reafirmou sua defesa à soberania dos Estados. Nas declarações seguintes a respeito do conflito, moderou o discurso o que levou analistas a entenderem que Pequim pode estar considerando as ações do Presidente Putin como “além do razoável”, por desestabilizar o sistema internacional, o que não seria do interesse chinês.

Dentro desse cenário, é possível que a guerra acelere a competição entre as grandes potências, podendo, inclusive, levar o mundo para a nova “guerra fria”, com o retorno das políticas de contenção e de balanceamento de forças. A transição do mundo bipolar para uma ordem unipolar proporcionou um período de certa estabilidade e acomodação. Porém, quando houve a ascensão de novos atores globais e se percebeu um desequilíbrio de poder, potências como a China, o Irã e a Rússia passaram a contestar o *status quo* e o ordenamento internacional. Isso nos sugere que os Presidentes Putin e Xi Jinping estão tentando redefinir os termos desse sistema, o qual não lhes beneficia.

Por fim, segundo Salvador Raza<sup>19</sup>, a incapacidade das Nações Unidas em

desempenhar seu papel de preservação da paz, no conflito da Ucrânia, demonstra a fragilidade da construção institucional que regula a relação entre os Estados. O CSNU, moldado pelos vencedores da II GM, com reservas para si de assentos permanentes e poder de veto às suas deliberações, traz a anacrônica estrutura político-estratégica de 1945 (CASTRO, 2016), demonstrando esterilização e paralisia na solução de controvérsias que ameaçam a paz e a segurança do complexo sistema de relações internacionais atuais.

### 3. Conclusão

Uma Ucrânia pró-Occidente, com ambições de ingressar nas duas grandes alianças europeias, que pusesse em dúvida o acesso da Rússia a seu porto no mar Negro ou pudesse hospedar uma base naval da OTAN, seria insustentável e inaceitável para o Kremlin. A anexação da Crimeia (2014) e a invasão da Ucrânia (2022) mostraram a disposição da Rússia para a ação militar com o objetivo de defender seus interesses, no que chama de “exterior próximo” (MARSHALL, 2018).

Todo o mundo, de alguma maneira, já está sendo afetado pela guerra, ainda em curso. A ordem mundial teve suas bases abaladas, o que poderá reconfigurar o tabuleiro internacional e provocar a mudança

<sup>18</sup> “Putin and Xi Frame a New China-Russia Partnership” Disponível em <https://thediplomat.com/2022/02/putin-and-xi-frame-a-new-china-russia-partnership/>. Acesso em 15 de mar. 2022

<sup>19</sup> As lições da guerra na Ucrânia: ainda é possível evitar o pior?. CNN, 6/3/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NiGFngdZKtM>>. Acesso em 07 mar. 2022.



de atitude dos atores globais, pautando as relações de poder a partir de uma perspectiva mais realista. Alguns analistas consideram que o cenário internacional atual em transição tende para a “Segunda Guerra Fria”, considerando o crescente potencial dos Estados emergentes revisionistas, o viés expansionista e os efeitos dissuasórios nucleares. Apenas uma acomodação entre as grandes potências, como a ocorrida no Concerto de Viena, em 1815, poderá evitar a armadilha de Tucídides<sup>20</sup> e a substituição da diplomacia pela guerra entre as nações.

A geopolítica (política de poder e de expansão territorial, controle dos mares, projeção de poder) não deixou de existir no século XXI. O uso da força continua sendo uma realidade nas relações entre Estados, com o retorno da ameaça nuclear. Os organismos internacionais, produtos das articulações estratégicas da ordem mundial de 1945, como em outras ocasiões, foram incapazes de evitar que uma nação soberana invadisse outra nação soberana para defender seus interesses político-estratégicos. A interdependência econômica e financeira, no mundo cada vez mais interconectado e globalizado, não se configurou como fator impeditivo para a guerra.

A gravidade da Guerra na Ucrânia marca uma importante mudança nas relações

internacionais, na qual a contrainsurgência cedeu espaço à volta de conflitos de alta intensidade. Além disso, essa última invasão, de um país soberano por uma potência, faz com que os Estados resgatem o interesse pela segurança e pela autodefesa, o que deve provocar a formação de novas alianças estratégicas e o reforço das capacidades de autodefesa, tendo, como consequência, a reconfiguração do tabuleiro internacional e novos realinhamentos estratégicos.

## Referências

- CASTRO, Thales. *Teoria das relações internacionais*. Brasília: FUNAG, 2016.
- FERGUSON, Niall. *Catástrofe*. São Paulo: Planeta, 2021.
- GRAEME P. Herd (ed.). *Russia's Global Reach: a security and statecraft assessment*. Garmisch-Partenkirchen (Alemanha): Marshall European Center for Security Studies, 2021.
- MARSHALL, Tim. *Prisioneiros da Geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- NYE, Joseph S. *O futuro do Poder*. São Paulo: Benvirá, 2012.
- TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M. *Geopolítica: do pensamento clássico aos conflitos contemporâneos*. Curitiba: Intersaberes, 2017.

<sup>20</sup> Historiador da Guerra do Peloponeso entre Atenas e Esparta, Tucídides identificou a dinâmica do confronto entre Esparta e Atenas, uma potência emergente e uma potência consolidada. Esse exemplo é utilizado para explicar o atual cenário que envolve a China e os EUA.

## Leia as edições anteriores da Revista Análise Estratégica!



Confira a Revista  
Análise Estratégica  
nº 23.



## Leia as edições anteriores da Revista Análise Estratégica!



Confira a Revista  
Análise Estratégica  
nº 22.

